

A REPRESSÃO FEMININA PRESENTE NO CONTO “LÁBIOS EM LAVA” DE ONDJAKI

Sayonara Souza da Costa (UFPB)
Joseane da Silva Nascimento (UFPB)
Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos (UFPB/PPGL-CAPES)
Dra. Vanessa Neves Rimbau Pinheiro (DLCV/UFPB)

1 INTRODUÇÃO

A figura da mulher e os aspectos que a envolvem são sempre alvos de estudos sociológicos e inclusive, literários. Sendo assim, escolhemos algo que interfere no comportamento e na vida dessa figura social desde muito tempo, a repressão.

A repressão feminina ocorre em diferentes vertentes na nossa sociedade, porém, nos deteremos apenas a sexual/religiosa. Para tanto, analisaremos como elas estão presentes no conto *Lábios em lava* do escritor africano Ondjaki.

A escolha do corpus literário se deu através do reconhecimento da temática e escrita do seu autor. O conto *Lábios em lava* compõe a coletânea de contos *E se amanhecer o medo*, publicado em 2004.

Ondjaki é o pseudônimo de Ndalú de Almeida, nascido em cinco de julho de 1977 na cidade de Luanda. Ele não é só amante das letras, tem trabalhos como cineasta e roteirista. Em 2006, participou da produção de um documentário no qual retrata sua cidade natal, chamado de *Oxalá cresçam pitangas-histórias da Luanda*. Ondjaki também é artista plástico e teve a oportunidade de mostrar sua arte em duas mostras individuais, uma no Brasil e outra em Angola. Apesar de tanto talento em outras formas de arte, é na literatura que ele se destaca. Ganhou vários prêmios entre eles o Prêmio Jabuti de Literatura, em 2010, na categoria infanto-juvenil com o livro *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2008). Outro prêmio bastante significativo que o recebeu foi o Prêmio Literário José Saramago, em 2013, pelo romance *Os Transparentes* (2013).

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 OS ESTUDOS NO ÂMBITO DO FEMININO

Podemos estudar e interpretar o texto literário a partir da ótica do feminino, tendo em vista que a mulher e seu universo são temas recorrentes no conto. O perfil dessas personagens são sempre semelhantes, vejamos o que Zolin (2006) nos diz:

As (os) críticas (os) feministas mostram como é recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de estereótipos culturais, como, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz e impotente subjaz uma conotação positiva. (p. 226)

Percebemos que essa recorrência nos estereótipos das personagens femininas decorre de uma sociedade com base no patriarcalismo que é:

Termo utilizado para designar uma espécie de organização familiar originária dos povos antigos, na qual toda instituição social concentrava-se na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável. Esse conceito tem permeado a maioria das discussões, travadas no contexto do pensamento feminista, que envolvem a questão da opressão da mulher ao longo de sua história. (ZOLIN, 2006, p, 219)

E no falocentrismo que segundo Zolin (2006), é o “termo usado por algumas escritoras e críticas francesas para desafiar a lógica predominante do pensamento ocidental, bem como a predominância da ordem masculina.” (p. 219).

Ainda nesse contexto das personagens e seus estereótipos e a influência social recebida, vejamos:

O exame cuidadoso das relações de gênero na representação de personagens femininos, tarefa dessa primeira vertente da crítica feminista, aponta claramente para as construções sociais padrão, edificadas, não necessariamente por seus autores, mas pela cultura a que eles pertencem, para servir ao propósito da dominação social e cultural masculina. Assim, o feminismo mostra a natureza construída das relações de gênero, além de mostrar, também, que muito

frequentemente as referências sexuais aparentemente neutras são, na verdade, engendradas em consonância com a ideologia dominante: o engendramento masculino possui conotações positivas; o feminino negativas. (ZOLIN, 2006. p. 227)

Como vimos na citação da Zolin (2006), essas personagens são reflexo da cultura vivenciada pelos autores. A verossimilhança encontrada nas obras literárias reforça essa negatividade atribuída ao feminino e a sua repressão perante a sociedade.

2.2 O MASCULINO ENQUANTO FIGURA DOMINADORA

Sabemos que o meio social em que vivemos é fundamentado num tipo de dominação que exalta o masculino e o valor atribuído a sua virilidade.

Essa divisão entre homens e mulheres tende a ser assimilada como algo natural e resultado das diferenças físicas entre eles. Segundo Bourdieu:

A divisão entre sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (2002, p.08)

E ainda

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros, principalmente, da divisão social do trabalho. (2002, p.10)

Essa segregação entre os sexos fica evidenciada pela naturalidade com que foi estabelecida. Partindo do que é físico, o corpo do homem e da mulher que naturalmente tem suas diferenças, as quais o homem detentor do pênis é o que possui força e conseqüentemente o poder e a mulher aquela que possui o útero e é aquela responsável

pela procriação e cuidado com a família é tida como mais frágil. Como exemplo da casa “sexuada”, é fato que alguns lugares de uma casa têm certo apelo pejorativo. A cozinha é um exemplo desse ambiente “sexuado” é o espaço típico da mulher, que historicamente é aquela que cuida do lar, que cozinha e cuida dos filhos.

Pensemos nessa mulher que pouco pode opinar ou exprimir suas ideias, é o homem que fala e decide por ela. “Há muito que as mulheres são as esquecidas, as sem-voz da História. O silêncio que as envolve impressionante. Pesa primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anônima e impessoal da reprodução.” (PERROT, 2003. pág.15)

2.3 O SISTEMA RELIGIOSO REPRESSOR

O sistema religioso historicamente trata o sexo e a mulher de maneira repressiva. Baseado na Bíblia vejamos uma passagem que equilibra o dever da mulher e o do homem e o uso de seus corpos. “A mulher não pode dispor de seu corpo: ele pertence ao seu marido. E da mesma forma, o marido não pode dispor de seu corpo: ele pertence à sua esposa”. (I Cor. 7:4). Se nos detivéssemos apenas nesse trecho teríamos uma igualdade entre os gêneros no que concerne ao sexo e até mesmo ao casamento. Mas são outros textos que tem mais ênfase doutrinária e servem como condutora de comportamento dos seguidores do cristianismo. Vejamos mais uma passagem bíblica que nos afirma o seguinte:

Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também em tudo sujeitas a seus maridos. (EF. 5-22 a 24)

Nesta outra passagem percebemos claramente que existe uma subordinação da mulher com relação ao homem e torna-se ainda mais forte o apelo para difundir esta ideia visto que o texto afirma que a mulher deve-se sujeitar ao marido como ao Senhor

Jesus Cristo. A Igreja usa como base doutrinária os textos bíblicos e são textos como esse que constroem a moral cristã.

As representações religiosas, existentes nas grandes religiões monoteístas ocidentais, adotam essas perspectivas. Segundo o Gênesis, foi por causa da mulher - Eva - que a dor e o sofrimento ingressaram no mundo. É preciso impor-lhe o silêncio. "Uma mulher não deve falar nas assembléias", diz São Paulo na Epístola aos Coríntios. Os padres da Igreja rejeitam a sexualidade e a carne como impuras e corruptoras. Só a procriação justifica a cópula, sendo a castidade superior ao matrimônio, mesmo o cristão. A mulher é assimilada ao pecado: uma tentadora da qual é mister se defender, reduzindo-a ao silêncio: velando-a. (PERROT. 2003,pág.21)

A Igreja por muitos anos foi detentora de discursos religiosos que acabaram por colocar o feminino em um papel carregado de negatividade, o de pecadora. Isso com base na figura da primeira mulher, Eva, que cede a sedução da serpente a qual oferece o fruto do bem e do mal, que era proibido e foi a causa do homem e da mulher serem expulsos do paraíso. Tida como o próprio demônio a serpente engana a mulher e essa acaba por torna-se também a representação do mal. Outras facetas são atribuídas a mulher, por exemplo, a questão da sensualidade, o corpo feminino tornou-se a morada do pecado. Outra personagem bíblica que se tornou exemplo de mulher perversa foi Dalila. Mulher, prostituta, Dalila acaba se tornando a perdição de Sansão, este que por sua vez, escondia o segredo de sua força sobrenatural. Dalila com toda sua sensualidade e perspicácia, depois de muitas tentativas consegue descobrir o segredo da força de Sansão, que era o seu cabelo. Vejamos a passagem bíblica que nos mostra o desfecho dessa história:

Vendo, pois, que Dalila que já lhe descobrira todo o seu coração, enviou e chamou os príncipes dos filisteus, dizendo: Subi esta vez, porque, agora, me descobriu ele todo o seu coração. E os príncipes dos filisteus subiram a ela e trouxeram o dinheiro na sua mão. Então, ela o fez dormir sobre os seus joelhos, e chamou a um homem, e rapou-lhe as sete tranças do cabelo de sua cabeça; e começou a afligi-lo, e retirou-se dele a sua força. (Juízes 16: 19-20)

Sansão após entregar-se de coração a Dalila é vitimado por esse sentimento, já que ela o dá nas mãos de seus algozes.

Com todo esse desprestígio à imagem da mulher, a igreja acabou cultivando a negatividade do feminino e subordinação dela ao masculino.

2.4 A REPRESSÃO SEXUAL FEMININA

No que concerne a repressão sexual a Marilena Chauí conceitua muito bem como sendo “Um conjunto de interdições, permissões, normas, valores e regras estabelecidas histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade” (1994, p. 09). Pois bem, a sexualidade acaba tornando-se uma questão também de cunho social, existe sempre um meio de controle para o exercício da mesma, podendo este meio de controle ser religioso, familiar, entre outros.

Ainda de acordo com Chauí “Nenhuma cultura trata o sexo como um fato natural bruto, pois a tendência predominante é compreendê-lo simbolicamente, dando-lhe sentido, valores, além de criar normas, interditos e permissões” (1994, p. 22). O sexo como bem disse a Marilena não é tratado culturalmente apenas como um ato natural bruto, talvez porque se assim fosse estaríamos mais próximos aos animais irracionais que utilizam o sexo para fins de procriação, perpetuando assim sua espécie. O ser humano tende a atribuir ao ato sexual uma gama de sentimentos, seja amor, interesse ou apenas desejo, de toda forma, estamos assim atribuindo algum sentido ao ato.

Um dos problemas para o tratar com a sexualidade é também a questão da moral, termo que deriva do latim *moralis* e significa “costumes, comportamento ou mesmo modo de agir” (CHEQUINI, 2007, p.54). O nosso comportamento sexual esta diretamente relacionado ao meio social em que estamos inseridos, as pessoas tendem a ser mais ou menos liberais de acordo com fatores como a religião e/ou a família. A vergonha, o sentimento de culpa, que estão diretamente relacionados a concepção cristã de pecado e o medo de se visto como alguém imoral, acabam por reprimir sexualmente os indivíduos e certamente os mais prejudicados por esse sistema repressor são as mulheres. “A vida sexual feminina, cuidadosamente diferenciada da procriação, também

permanece oculta. O prazer feminino é negado, até mesmo reprovado: coisa de prostitutas” (PERROT, 2003, p.18)

O uso do corpo feminino, que sempre fora objeto do desejo masculino, também é bastante velado. A mulher foi orientada sempre a escondê-lo, pois, ele é símbolo da tentação e do pecado em nossa cultura de moral cristã. “Objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem falar dele. O pudor que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade.” (PERROT, 2003, p. 15)

A repressão sexual acabou por se tornar um instrumento derivado dos discursos religiosos e culturais difundidos ao longo do tempo, cujas consequências são perceptíveis até nossos dias. Embora existam movimentos que tentem amenizar essas diferenças culturais criadas entre o homem e a mulher no que concerne não só a sexualidade, como é o caso dos movimentos feministas, a Igreja e a sociedade ainda representam uma grande força. Sendo assim, as mulheres continuam a viver nessa espécie de redoma, a qual fazer algo que não esteja ao seu alcance provocará graves consequências.

3 ANÁLISE DO CONTO *LÁBIOS EM LAVA*

O conto “Lábios em lava” tem uma temática polêmica. Ele retrata uma mulher com perfil religioso que mantém relação com ela mesma, ela se dá prazer por meio da masturbação.

Sabemos que é uma mulher muito religiosa, pois em vários trechos do conto ela refere-se a Deus e ao pecado, que é algo do universo cristão. O conto se inicia com: “Deus, tu perdoar-me-ias” isso nos mostra que a mesma tem um vínculo forte com a religiosidade.

Outro indício que nos leva a crer que mais que religiosa essa personagem pode mesmo estar dentro do meio religioso de maneira mais expressiva sendo até mesmo uma freira é pela epígrafe do conto que é a seguinte:

[...] uma freira é uma mulher mas uma mulher que não é vista diariamente. Os homens não a esgotam no trato diário, e por isso desejam-na com mais ardor, está escondida, velada, vedada num convento, numa prisão, numa construção infinitamente em que cada porta esconde outra. (CARLOS FUENTES, *Constancia e outras novelas para virgens*)

Mesmo que no conto não esteja escrito explicitamente que a personagem é uma freira, essa epígrafe nos dá uma pista do que a personagem representaria.

Embora o conto descreva o ato da masturbação feminina, isso se dá de maneira delicada, não é uma linguagem vulgar e descreve toda a cena inclusive os sentimentos dessa mulher. Temos: “A mão movendo-se no antro do meu ser. Testemunha – a noite: palco de avessos, de pernas e proscênios abertos, o espetáculo vivo, do viveiro de intensos fantasmas.” (2010, p. 103)

Com relação ao ato da masturbação encontramos no livro de catecismo distribuído e ensinado como doutrina católica a seguinte afirmação sobre esse ato

Por *masturbação* entende-se a excitação voluntária dos órgão genitais, para daí retirar um prazer venéreo. «Na linha duma tradição constante, tanto o Magistério da Igreja como o sentido moral dos fiéis têm afirmado sem hesitação que a masturbação é um acto intrínseca e gravemente desordenado». «Seja qual for o motivo, o uso deliberado da faculdade sexual fora das normais relações conjugais contradiz a finalidade da mesma». O prazer sexual é ali procurado fora da «relação sexual requerida pela ordem moral, que é aquela que realiza, no contexto dum amor verdadeiro, o sentido integral da doação mútua e da procriação humana. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, p. 609)

Vemos claramente que o ato de se masturbar é condenado pela Igreja e considerado um pecado grave. O ato sexual seja como for deve ter uma finalidade: a procriação, algo que obviamente a masturbação não permite. O livro "Just Love. A Framework for Christian Sexual Ethics" (Só Amor: Um marco para a ética sexual cristã) escrito por uma freira chamada Irmã Farley causou grande polêmica, vejamos o que ela fala sobre a masturbação:

A masturbação (...) geralmente não comporta nenhum problema de caráter moral. (...) Este é sem dúvida o caso de muitas mulheres que (...) encontraram um grande bem no prazer buscado consigo mesmas – e talvez exatamente na descoberta das suas próprias possibilidades em relação ao prazer -, algo que muitas nem tinham experimentado e nem mesmo conhecido no tocante às suas relações sexuais ordinárias com maridos ou amantes. Neste sentido, é possível afirmar que a masturbação de fato favorece as relações muito mais do que as obstacula. (2006, p. 236).

A Igreja desde os séculos passados tem como abominável o ato de se masturbar, isso vale tanto para o homem quanto para a mulher. “Os fracos (isto é, aqueles que ejaculam voluntariamente, sejam rapazes ou moças, sejam casados ou não casados) não possuirão o reino dos céus” (1Cor 6-10 Apud DELUMEAU, 2003, p. 223, v.2).

A personagem está em meio a um dilema, pois como religiosa ela sabe que o ato praticado é algo condenado por sua orientação de moral cristã, porém, ela acredita que o perdão divino é mais forte e que aquele ato vale à pena acontecer, pois é algo que lhe faz bem. Vejamos algumas passagens do conto: “Meio da minha prazerosa perdição; premonição; e, de certo modo, juro-te, Senhor, salvação.” (2010, p. 105), e ainda “Os dedos retiram-se, a paz é outra.” (2010, p. 105) Pelo que vimos essa mulher não se sente culpada pelo que faz, mesmo sabendo que no meio ao qual ela vive é considerado errado, o bem estar que o ato de se masturbar a proporciona acaba não permitindo que ela se sinta culpada é como se tudo aquilo fosse natural e necessário para o seu corpo.

É interessante essa forte religiosidade percebida durante todo o conto, pois encontramos em alguns trechos intertextualidade com a própria bíblia. Vejamos: “Atiro-me do alto da minha fé, desfazendo o corpo em pó: pó solto, pó vivo, pó longínquo a ti, Senhor. Porque com gigantesco prazer eu peço! E peço pensando em ressuscitar.” (2010, p. 103)

No primeiro momento da citação acima vemos uma referência ao pó, e o que seria esse pó? A própria Bíblia diz que somos pó e que ao pó retornaremos. Logo esse trecho possivelmente estaria associado a essa passagem bíblica que se encontra no livro do Gênesis 3:19. No segundo momento ela diz que com prazer peca e peca pensando em ressuscitar, a bíblia tem um trecho que está no livro de Romanos 6:23 que diz “Porque o salário do pecado é a morte”, assim ela ressuscitaria depois de morrer no pecado do seu prazer.

Após o ato consumado, em um momento de gozo, ela compara aquela sensação a algo do paraíso, “(...) a tua luz parece-me a mesma, mas mais nítida; o meu corpo repousa, mas flutuando; as nuvens existem no céu, mas mais perto; o vento nada diz, mas posso ouvi-lo declamar” (2010, p.105).

Existe uma relação intensa da personagem e seu corpo, em todo o conto ela descreve as partes que suas mãos tocam e os sentimentos que a tomam durante esses momentos, vejamos um trecho o qual podemos perceber essa ideia: “As mãos, as mãos imparáveis percorrendo-me a pele, os antros, contrariando penugens, penetrando-me selvagens como se não fosse eu dona de mim, ou delas.” (2010, p. 104). As mãos aqui cumprindo o papel do órgão sexual masculino e que logo após o ato de se masturbar “Ganham dimensão real: dedos somente” (2010, p.105)

Durante todo o conto a personagem mantém um diálogo com Deus, até mesmo durante o ato de se masturbar “grito inaudivelmente não para te contrariar, gemo, mas para te compreender; incorporar” (2010, p. 104) É perceptível que o modo que ela se comunica é sempre uma espécie de oração, súplica ou até mesmo como se estivesse se confessando, talvez isso se dê porque ela não conheça outra maneira de se expressar.

Ela encontra na masturbação um mecanismo de evitar um pecado maior, pois, se realmente a personagem for um freira, ela fez votos de castidade, logo, ela não pode manter relações sexuais seja com quem for. E a masturbação como sendo um ato solitário a mantém fiel a esse voto. Embora condenado pela Igreja o ato de se masturbar nesse caso a salva de um possível distanciamento da sua religiosidade. A busca por prazer através da masturbação acaba a mantendo fiel à sua fé.

Conclui-se o conto da mesma maneira que se inicia: em meio a esse diálogo que possui uma linguagem lírica a qual expressa os desejos, as emoções e os pensamentos mais íntimos dessa mulher e tornando as passagens do conto, mesmo contendo forte apelo sexual, sutis. “As mãos Senhor: adormecendo primeiro que eu.” (2010, p.105)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve por objeto identificar os meios de repressão feminina encontrados no conto *Lábios em lava*, Ondjaki. A personagem do conto *Lábios em lava*, podemos dizer, que sofre repressão de ordem religiosa e porque não dizer também sexual. Ela vive um dilema, mesmo sabendo que o ato de se masturbar é considerado errado sob a ótica religiosa, assim mesmo ela o faz. Durante todo o tempo em que toca seu corpo e se masturba a personagem evoca a Deus em oração, uma oração que mais parece uma conversa entre amigos. Ela tinha consciência que para o meio religioso ao qual ela estava inserida o ato de se masturbar era considerado pecado, mesmo assim ela o fazia. Pedindo perdão e se esquivando da culpa, ela tomou uma atitude : fez aquilo que desejava.

Outros aspectos poderiam ser retomados e esses estudos poderiam ser ampliados, pode-se verificar outros aspectos dos sistemas repressores, que não seja só a questão do feminino.

5 REFERENCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Tradução João Ferreira de Almeida. 4. Ed. Barueri, São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Tradução Maria Helena Kuhner. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual:** essa nossa (des) conhecida. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CHEQUINI, Richard F. **Ética on line:** Ética geral – Introdução I, Unianchieta, 2007. Disponível em: < <http://etica-fadipa.blogspot.com/2007/08/no-da-competncia-do-filsofo-tico-dar.html>> Acesso em 25/05/2014

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)**, v.1, v.2. Tradução Álvaro Lotenci – Bauru. SO: EDUSC, 2003.

FARLEY, Margaret. **Just Love. A Framework for Christian Sexual Ethics**. Disponível em: <http://www.acidigital.com/noticias/vaticano-condena-obra-de-religiosa-que-promove-masturbacao-homossexualidade-e-divorcio-65165/> Acesso em 18/06/2014

FREYRE, Gilberto (1900-1987). **Sobrados e Mucambos; decadência do patriarcado e desenvolvimento urbano**. 16ª ed. – São Paulo: Global, 2006.

ONDJAKI. **E se amanhã o medo**. São Paulo: Língua Geral, 2010.

PERROT, Michelle. **Os silêncios do corpo da mulher**. In: MATOS, Maria Izilda S.de (org.); SOIHET, Rachel (org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: editora UNESP, 2003

SOIHET, Rachel. **História das Mulheres**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs) *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica Feminista**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, L.O. (org). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: EDUEM, 2009.